



fotomoda

[JOFRE SILVA]

PhD em Arte e Design – Fotografia pelo Central Saint Martins, UAL (1999) e pós-graduação em Fotografia pelo Goldsmiths College da Universidade de Londres (1992). Integra a coordenação do Mestrado em Design, Centro de Pesquisa em Design, da Universidade Anhembi Morumbi, atuando ainda como professor, pesquisador, jornalista e fotógrafo.

E-mail: jofre@anhemi.br

Retrato: realidade e identidade

[46]

O retrato registrado por uma câmera confirma o insuperável impacto causado pela figura humana nas muitas histórias habitando a iconografia da cultura visual contemporânea. O retrato está presente em quase todas as publicações relacionadas ao campo da fotografia. Em uma reflexão importante desta literatura, o teórico francês Roland Barthes analisa a imagem fotográfica motivado por um retrato que nunca mostra aos leitores.

Dos pontos apontados por Barthes, em *A câmara clara*, de 1981, torna-se relevante, primeiro, perceber a foto mais próxima do teatro do que da pintura, conforme acreditava. Em seguida, entender o seu uso como um "certificado de presença", relacionando tempo e espaço. Depois, compreender seu "campo de forças fechado", um imaginário delineando o caráter essencial da pessoa, algo do seguinte tipo: um retrato expõe quem o modelo pensa que é; como ele gostaria de ser visto; quem ele é para o fotógrafo; e quem ele acaba sendo para o público^[1].

Pelo mundo do teatro, as figuras humanas em um retrato representam conceitos, e os cenários ajudam a identificá-las em um lugar e tempo. Na construção de histórias fictícias, explorando o universo da fantasia, ou no registro de um momento da intimidade de uma pessoa, o retrato instiga envolvimento e resposta. Atração ou indiferença não impedem o esforço da imaginação em buscar sentido para uma foto.

História e mistério orientam as imagens de Grace Lau, fotógrafa, com 64 anos, nascida e criada em Londres. Com sua câmera, busca criar histórias com início e fim fora da cena registrada, reiterando a noção de fragmento e de corte, característicos desta tecnologia. Seus retratos não mostram pessoas conhecidas ou famosas. Revelam identidades. Na verdade, pessoas vivendo a fantasia de outra personalidade. A foto torna-se um questionamento de conceitos como realidade e identidade.

Embora prefira trabalhar com luz natural, Grace Lau usa *flash* para os retratos em espaços escuros. A escolha pela fotografia em preto-e-branco é justificada pelo interesse em manipular o contraste e a composição da imagem. Entretanto, o controle de elementos visuais para dinamizar e intensificar o impacto estético do retrato antecede a tradição fotográfica. Na pintura, por exemplo, Caravaggio introduz fundos escuros que ocultam informações do espaço cênico. Suas figuras ganham destaque com uma iluminação intensa, exagerando sombras, bem como expressões e gestos.



Foto 1: Sem Título. Grace Lau. Fotografia. © 1987.
Foto 2: Sem Título. Grace Lau. Fotografia. © 1995.

LAU, Grace. *A retrospective: adults in wonderland; with an introduction by Amanda Hopkinson*. Catálogo de exposição. Londres: Serpent's Tail, 1997.

Pela maneira como constrói suas imagens, Caravaggio desenvolve uma linguagem visual capaz de valorizar a dimensão psicológica do ser humano. O impacto desta solução plástica repercute e atrai o interesse de outros artistas como Velásquez e Rembrandt^[2]. Naturalmente, a tecnologia fotográfica, quando aparece anos depois, facilita a comunicação deste estado emocional da condição humana. Na obra de Grace Lau, a câmera é usada como um catalisador para obter acesso aos desejos e às fantasias escondidas pelas pessoas fotografadas.

Para Grace Lau, a câmera ajuda a materializar fantasias. Fornece consentimento e aprovação, ampliando a história. Ela não julga seus modelos.

Não pode haver censura e, portanto, não há sentimento de culpa. O que os modelos fazem não tem aprovação social. O mundo contemporâneo não compreende e muito menos aceita essas fantasias. Embora exista certa inibição no início da sessão fotográfica, os modelos eventualmente relaxam, adquirindo confiança, e os resultados superam as expectativas. O ensaio deriva da apresentação e discussão de uma idéia original.^[3]

Durante o desenvolvimento do trabalho, a fotógrafa sugere poses e gestos, bem como ajustes de iluminação e cenário.

A performance orientando os retratos produzidos por Grace Lau acentua o modo como a imaginação reage ao "campo de forças fechado" pontuado por Barthes, desestabilizando a segurança procurada no processo de interpretação da imagem fotográfica. Por outro lado, permite descobrir, conhecer e confrontar um fluxo de sentidos e energia que habita a dimensão do invisível, revelando visões secretas, escondidas internamente em cada pessoa.

^[1]BARTHES, Roland. *A câmera clara*. São Paulo: Edições 70, 1981.

^[2]ABBATE, Vincenzo et al. *Caravaggio, the final years*. Catálogo de exposição. Itália: Electa Napoli, 2005.

^[3]Depoimento obtido durante conversas e entrevistas realizadas com Grace Lau, em Londres, no período de julho a setembro de 1997.